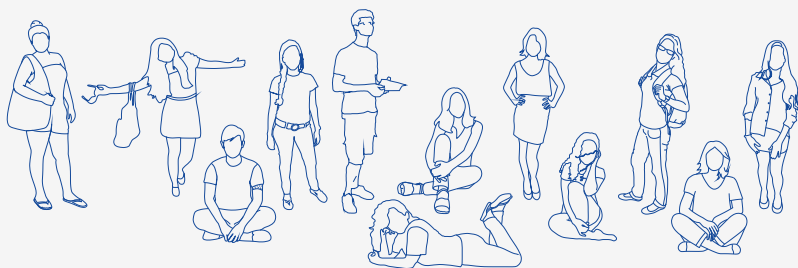




Ímpeto | Revista de arquitetura e Urbanismo

ímpeto

16 de maio de 2013 - n. 04



Memória guardada dentro de uma porta, ali, na metade do corredor da FAU.

Essa porta nunca se aquieta, é sempre visitada: as pessoas não sabem direito o porquê mas batem nela quando precisam de algo. Porta que testemunha todas as chegadas - sempre um novo ânimo para o grupo - e partidas - quase sempre saudade.

Dentro dela, um espaço que guarda. Guarda muitos papéis, livros, armários que trocam ocasionalmente de dono, cadeiras em constante dança, testemunhas do cotidiano.

Sobretudo nos guarda. O refúgio: lugar para explodir, dar risada, trabalhar em silêncio. Naquela sala cada um encontra o seu canto: sua cadeira, seu armário. Ao entrar no PET ganha-se pelo menos 12 companheiros e opta-se por dividir o tempo por 12.

Também por 12 se divide o risco. As atividades sempre com ar de tentativa, de aprendizado. A autonomia da escolha: aqui tudo se pode propor, tudo se pode realizar. O nome Ímpeto não foi uma escolha aleatória...

É um trabalho arriscado esse de explorar possibilidades. Arriscado e muitas vezes incompreendido. É difícil mesmo entender um grupo que se propõe a materializar uma filosofia que atualmente parece antiquada: a filosofia da partilha, do convívio. Partilha de uma sala, do tempo, dos riscos, do aprendizado.

Às vezes nem essas 13 pessoas sabem direito o que isso significa. Mas se sentem parte de algo. Parte de um grupo que nunca se esgota e da construção de uma memória que se expande.

É justamente a memória que mantém um petiano petiano. É a sensação que se desperta ao saber que outros também percorreram aquele espaço, partilharam as cadeiras e as experiências.

A Ímpeto, enquanto fruto de uma coletividade, produção do PET, é mais um desses elos que conectam os petianos que são e que foram petianos. Aquilo que permanece, que continua, constantemente (re)apropriado.

sumário

4



O SENTIDO SIMBÓLICO DA CONQUISTA NA AMÉRICA IBÉRICA

Rodrigo Espinha Baeta

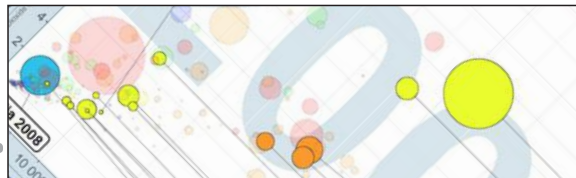
7



A UNIVERSIDADE NA CIDADE: o campus Larangeiras da UFS

César Henriques Matos e Silva
Karen Waneska de Jesus

11



PRODUÇÃO, CONSUMO E SUSTENTABILIDADE NO CONTEXTO PAN-AMERICANO URBANO

Asher Kiperstok
Karla Esquerre

15



ARQUITETURA DO RESTO EM BERLIM

Roseline Vanessa Oliveira Machado

20



DA MATA AO MAR: parques urbanos em Maceió-AL e seu papel na educação ambiental local

Amanda Rodrigues|Ana Luiza Mendonça
Karla Clemente|Karla Calheiros|Laura Holanda

25



«O TEMPO NÃO É O MESMO EM TODO LUGAR»: FACES CONTEMPORÂNEAS DE EDIFICAÇÕES MODERNAS EM MACEIÓ.

André Áquila|Camila Costa|Diogenes Teixeira
Thaiane Brandão|Roseline Oliveira

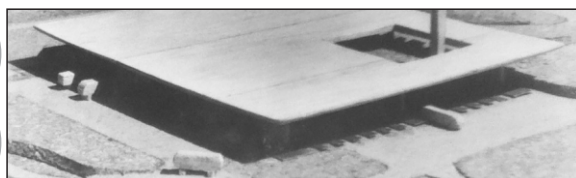
29



UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE O COTIDIANO IMPERCEPTÍVEL

Marcela Calheiros|Maria Juliana|Laires Lima
Camila Bernardino| Mirelly Dantas

33



EM BUSCA DE UMA RODOVIÁRIA

Allana Novais|Analice Maia| Igor Peixoto
Manuela Miranda|Tuanne Monteiro

CAPA | Daniel Albert

Não tenho certeza de quem sou. Às vezes me sinto tão influenciado por pessoas que admiro que acabo usando indiretamente um pouco de suas personalidades. Como um doppelgänger. Não sei se isso é um distúrbio mental, mas enfim... De uma coisa tenho certeza, adoro desenhar, pintar, modelar, projetar, criar... justamente porque consigo achar um pouco da minha personalidade quando me concentro nessas atividades. Odeio o ócio e me sinto uma porcaria quando não consigo produzir. Quem me conhece sabe que eu sou um pouco lento pra captar as coisas, mas tento estar atento... eu acho. É difícil falar sobre essa criatura estranha que vos escreve, então talvez seja melhor acabar por aqui e deixar quem me conhece criar a ideia que quiser de mim.

P.S.: Muito obrigado a todos do Pet por ter a bondade de aceitar minha ilustração para a capa da Ímpeto.

daniel-aubert@hotmail.com

SOBRE A CAPA - Conceito

O ciclo e a renovação são as características da sustentabilidade, por isso as elipses... elipses que lembram o átomo... átomo que se sustenta com um núcleo, prótons e elétrons, que convivem mutuamente em equilíbrio, tirando e cedendo energia... assim como a cidade que se sustenta, trocando energia e matéria com seu meio.

CONTEMPORANEIDADE

No contexto da contemporaneidade, tempo e lugar estão cada vez mais pulverizadas, sobretudo, em função da dinâmica da globalização e da virtualidade, onde definir fronteiras, identificar movimentos e processos tem se qualificado como grandes desafios.

A 4ª Edição da Revista Ímpeto é uma edição especial que conta com discursos de professores convidados, os quais abordam temas que marcam a amplitude do pensamento contemporâneo no âmbito da arquitetura, tais como, sustentabilidade, inserções urbanas, formação paisagística e reapropriação espacial.

Outra particularidade desta edição é a sua abertura para conter artigos produzidos por graduandos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL, os quais focam o olhar na atual paisagem maceioense, iniciando um processo de ampliação dos acessos para a publicação, de divulgação da produção acadêmica da escola e, por extensão, de estímulo à compreensão e ao conhecimento da realidade local.

Roseline Oliveira
Tutora PET - Arquitetura

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor
Eurico Lôbo

Vice-Reitora
Rachel Rocha

Diretora da Edufal
Maria Stela Torres Barros Lameiras

Conselho Editorial Edufal
Bruno Cavalcante
Cícero Péricles
Eurico de Lemos
Fernando Gomes
Janaina Xisto
Roseline Oliveira
Simone Pientz

Conselho Editorial Revista Ímpeto
Amanda Rodrigues Teixeira Cavalcante
Augusto Araújo de Albuquerque
Camila Costa de Lima
Flávio Antonio Miranda de Souza
Gianna Melo Barbirato
Leonardo Bittencourt
Maria Angélica da Silva
Roseline Vanessa Oliveira Machado

Diagramação

Amanda Rodrigues T. Cavalcante
Camila Costa de Lima
Poliana Lopes de Oliveira
Thaiane de Souza Brandão
Tuanne Monteiro de Carvalho

Revisão
PET Arquitetura

PET Arquitetura
Amanda Rodrigues T. Cavalcante
Camila Costa de Lima
Diogenes Teixeira da Mata Neto
Hedhyliana Walkiria Rodrigues
Natália Rosa Melo
Paula Duque Rangel
Poliana Lopes de Oliveira
Thaiane de Souza Brandão
Tuanne Monteiro de Carvalho
Vinicius Valério Rodrigues Arêdes
Louise Beltramin Berto

Tutor PET Arquitetura
Roseline Vanessa Oliveira Machado

Coordenação de Diagramação
e Revisão de Textos
Amanda Rodrigues Teixeira Cavalcante

Coordenação Revista Ímpeto
Camila Costa de Lima

Capa
Daniel Albert

Catálogo na fonte Universidade Federal
de Alagoas Biblioteca Central - Divisão de
Tratamento Técnico Bibliotecário
Responsável: Helena Cristina Pimentel do
Vale

Ímpeto: Arquitetura e Urbanismo/
Universidade Federal de Alagoas - UFAL -
ano 4, n.4 (maio 2013), -Maceió, 2013-v.
ISSN 1983-6171

1. Arquitetura - Periódico. 2. Urbanismo -
Periódico.

CDU: 711.4(051)

Contato:
Site: www.petarq.blogspot.com
e-mail: petarq@hotmail.com
Fone: 82-3214-1290
Direitos desta edição reservados à
Edufal
Editora da Universidade Federal de
Alagoas
Campus A. C. Simões, BR 104, Km, 97,6
Fone/Fax: (82) 3214.1111
Tabuleiro do Martins - CEP: 57.072-970
Maceió - Alagoas
E-mail: edufal@edufal.ufal.br
Site: www.edufal.ufal.br



Editora Afiliada à ABEU



Rodrigo Espinha Baeta

Arquiteto pela EA UFMG, Especialista pelo IX CECRE UFBA e pelo CENCREM, La Habana, Mestre e Doutor pelo PPGAU UFBA, Professor Adjunto da FA UFBA. Versado no estudo do Barroco, em 2010 lançou o livro *O Barroco, a arquitetura e a cidade nos séculos XVII e XVIII* e em 2012, o livro *Teoria do Barroco*.

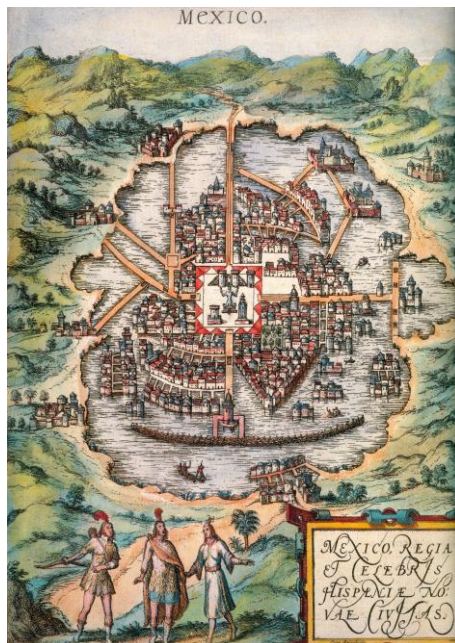
O SENTIDO SIMBÓLICO DA CONQUISTA DA AMÉRICA IBÉRICA

Fue designio de ellos borrar los vestigios de las viejas culturas indígenas, y lo cumplieron implacablemente, acaso porque estaban convencidos de que era justo hacerlo con infieles. Si en muchas regiones los conquistadores no encontraron sino culturas primitivas – como en la costa brasileña o en el Río de la Plata –, en otras tropezaron con culturas de alto nivel que los asombraron. Pero en todos los casos un inmovible preconcepto los llevó a operar como si la tierra conquistada estuviera vacía – culturalmente vacía –, y sólo poblada por individuos que podían y debían ser desarraigados de su trama cultural para incorporarlos desgajados al sistema económico que los conquistadores instauraron, mientras procuraban reducirlos a su sistema cultural por la vía de la catequesis religiosa.” (ROMERO, 2007, p. 11)

O juízo do importante historiador argentino, José Luis Romero, proferido em seu livro *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*, cuja primeira edição sairia em 1976, revelaria alguns aspectos profundamente instigantes da colonização espanhola do Novo Mundo. Por um lado, despontaria a relação de absoluto desprezo absorvida pelos conquistadores peninsulares frente à grande diversidade das culturas que então habitavam o vasto cenário das Américas. Consequentemente, seria instaurado um aristocrático sentimento de civilidade que teria levado espanhóis e portugueses a acreditarem na nobre missão de transferir, para as novas realidades geográficas e humanas, seus valores políticos, sociais e religiosos, almejando anular, ou melhor, aniquilar toda a herança cultural do colossal território que compreenderia o Novo Mundo – um legado ancestral que envolveria indivíduos, sociedades, religiões, costumes, arte, arquitetura, cidades e que estaria fadado a desaparecer em nome da autoridade do rei e do comando da Igreja. Por outro lado, compreendendo o continente americano como um grande vazio, uma sociedade moderna e pretensamente ideal deveria emergir daquele preexistente cenário “inerte e amorfo”; uma nova Europa precisaria brotar dos desoladores domínios coloniais – como diria Romero (2007, p. 12).

A nefasta ignorância dos invasores frente às culturas pré-colombianas e a prática constituída da tábula rasa estariam apoiadas em mecanismos políticos, jurídicos, econômicos e religiosos que avalizariam o desmonte de todas as sociedades encontradas: sejam os grupos pouco desenvolvidos que habitavam as monumentais extensões do Novo Mundo – tribos nômades, de caçadores e coletores e povos sedentários mais evoluídos; ou mesmo, a conquista e a extinção das poderosas e avançadas civilizações mesoamericanas e andinas. E esta desarticulação das culturas autóctones se daria implacavelmente, apesar da surpresa e da admiração reconhecidas pelos homens do Velho Continente ao se depararem com aqueles espetáculos inverossímeis, com aquelas imagens fantásticas desveladas pelos principais centros urbanos espalhados pelos domínios dos impérios asteca e inca – impressões comentadas em algumas descrições devidas a personagens da época, relatos que discorreriam sobre as cidades que os conquistadores gradativamente descobriam.

Figura 1 - Plano de Tenochtitlán sob o domínio asteca – baseado em um mapa feito por Hernán Cortés (publicado em Nuremberg em 1524). Elaborada pelo ilustrador belga Theodorus de Bry (1528-1598). Imagem publicada no *Civitas Orbis Terrarum*, atlas de cidades coordenado pelo geógrafo alemão Georg Braun (1541-1622) e editado em Colônia em 1572.



Ou seja, esta consideração a respeito da qualidade e da escala grandiosa das realizações das civilizações pré-hispânicas não serviria para sensibilizar os ibéricos a preservarem sua cultura, e nem mesmo seu cenário urbano e seus monumentos; pelo contrário, só incentivariam os peninsulares na eliminação total dos registros urbanos e arquitetônicos destas prodigiosas culturas, que muitas vezes – como ficaria latente nas crônicas dos próprios colonizadores – chegariam a superar as urbes européias, especialmente em relação à dimensão e à organização de seu espaço físico.

Figura 2 - Vista idealizada da cidade de Cuzco sob o domínio inca. Elaborada pelo ilustrador belga Theodorus de Bry. Imagem publicada no *Civitas Orbis Terrarum*, atlas de cidades coordenado pelo geógrafo alemão Georg Braun e editado em Colônia em 1572.



Logo, as fundações de duas das mais importantes cidades hispânicas, a Cidade do México e a Cuzco moderna, edificadas acima das capitais imperiais arrasadas, estariam nutridas de um forte apelo simbólico: significaria, definitivamente, a anulação das culturas preexistentes em nome da ascensão de uma nova ordem política, econômica, social, religiosa que, literalmente, deveria esmagar a preexistente. A sobreposição seria o meio mais seguro para apagar a herança ancestral das antigas civilizações – que, indubitavelmente, seriam compostas por grupos evoluídos e poderosos –, civilizações que precisariam ser completamente subjugadas, pois colocariam em risco a estabilidade do governo a ser instaurado (Figuras 1-2).

Na verdade, segundo afirmaria o historiador espanhol, Porfirio Sanz Camañes, no livro de 2004, *Las ciudades en la América Hispana. Siglos XV al XVIII*, a política colonizadora objetivava, ao mesmo tempo, o domínio e a proteção do território, a povoação das terras descobertas e conquistadas, a obtenção de riquezas e o esforço civilizador conseguido através da evangelização (SANZ CAMAÑEZ, 2004, p. 27). Não obstante, seria muito difícil responder à pergunta: como poucos homens, provenientes de uma nação que contaria com algo mais que sete milhões de habitantes, conseguiriam controlar, em um exíguo espaço de tempo, um território tão vasto, povoado por mais de cinquenta milhões de indivíduos por ocasião das invasões – antes do genocídio produzido pelas guerras, pela crueldade dos invasores e pelas doenças trazidas do Velho Mundo?

Um dos fatores que poderiam, supostamente, explicar a certeza no sucesso da conquista seria a fé incondicional na superioridade da civilização europeia e, particularmente, da Ibérica, frente às culturas aborígenes. É verdade que, excluindo aqueles 5% do território que estaria, em grande parte, nas mãos dos poderosos impérios pré-colombianos e que veriam florescer, quatro mil anos antes, as avançadas civilizações americanas, o resto da vasta região seria habitada por grupos bem menos avançados, ou mesmo primitivos. Contudo, as culturas mesoamericanas e andinas também seriam consideradas – apesar do reconhecimento de seus feitos memoráveis no que se refere à construção, urbanização, e domínio de imensos territórios – povos bárbaros que estariam muito abaixo da noção europeia de civilidade.

Além disso, uma sugestiva frase que o conquistador espanhol, Hernán Cortés (1485-1547), direcionaria ao Imperador asteca Moctezuma II (1466-1520) – relatada pelo historiador espanhol e cronista das Índias Ocidentais, Francisco Lopez de Gomara (1511-1566), no livro *Historia de la conquista de Méjico*, publicado em 1552 – resumiria outra das fortes motivações que contribuiriam para que os colonizadores suportassem todos os reveses da conquista e batalhassem para efetuar a dominação do distante e hostil mundo novo: "(...) *ca tenemos yo y mis compañeros mal de corazón, enfermedad que se sana con oro*" (CORTÉS *apud* LOPEZ DE GOMARA, 1851, tomo 1, p. 313). A ambição desenfreada dos invasores frente às possibilidades de encontrar míticas e lendárias cidades povoadas de tesouros – mundos perdidos que preencheriam a mente dos europeus há séculos e que, subitamente, poderiam estar escondidos nos confins dos vastos territórios descobertos – seria uma realidade constante diante da árdua tarefa da conquista.



BIBLIOGRAFIA:

ALLENDE CARRERA, Arnulfo. *Puebla. Y el Paseo de San Francisco*. Madrid: Turner, 2006.

BRAUN, George; HOGENBERG, Franz. *Cities of the world. Civitas Orbis Terrarum*. Köln: Taschen, 2011.

CEHOPU. *La ciudad hispanoamericana. El sueño de un orden*. Madrid: CEHOPU, 1989.

FAGIOLIO, Marcello. *La fondazione delle città latino-americane. Gli archetipi della Giustizia e della Fede*. In: *Psicon*. Rivista Internazionale di Architettura. América Latina: le città coloniali. Firenze: Psicon, Centro Studi Architettura Oroburos, n. 5, p. 34-58, 1975.

LOPEZ DE GOMARA, Francisco. *Conquista de Méjico*. De la crónica general de las Indias. In: DE VEDIA, Don Enrique. *Historiadores primitivos de Indias*. Madrid: Imprenta y Estereotipia de M. Rivadeneyra, tomo 1, 1852.

RAMA, Angel. *La ciudad letrada*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ROMERO, José Luis. *Latinoamérica: la ciudad y las ideas*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

SANZ CAMAÑES, Porfirio. *Las ciudades en la América Hispana. Siglos Xv al XVIII*. Madrid: Sílex, 2004.

VAN DOESBURG, Sebastián. *475 años de la fundación de Oaxaca*. Oaxaca: ayuntamiento de la Ciudad de Oaxaca, 2 v., 2007.

Figura 3 - Vista panorâmica do porto e da cidade de La Habana (fundada em 1514, na ilha de Cuba) – imagem feita, no século XIX, desde a fortaleza de La Cabaña.

Fonte: CEHOPU (1989, p. 174)

César Henriques Matos e Silva

Professor Adjunto do Núcleo de Arquitetura e Urbanismo – UFS, Campus Laranjeiras. Doutor em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU/UFBA, com estágio de doutorado na Bauhaus Universität Weimar, Alemanha.

Karen Waneska de Jesus

Discente do Núcleo de Arquitetura e Urbanismo – UFS, Campus Laranjeiras. Participante do programa Andifes de Mobilidade Acadêmica na UFF. Estágio pelo programa IAESTE na Universitätsbauamt Heidelberg, Alemanha.

A UNIVERSIDADE NA CIDADE: O CAMPUS LARANJEIRAS DA UFS

Os *campi* universitários brasileiros são a expressão espacial da visível contradição em que se colocam as universidades em relação à cidade. Ao mesmo tempo em que as universidades têm buscado integrar-se à sociedade e contribuir para o seu desenvolvimento, sob o ponto de vista espacial elas se fecham e se enclausuram: enquanto espaço urbano e conjunto arquitetônico, a tipologia tradicional de *campus* universitário é um complexo de edificações e espaços que se assemelha a um “burgo” ou a um claustro medieval, fechado em si mesmo, como uma cidade à parte. Não é por menos que muitos destes *campi* são denominados cidades universitárias.

O fechamento que se encontra hoje na Universidade só pode ser interpretado como uma triste e atávica forma de defesa. Pois é de sua natureza mesmo, está em suas origens. Essa clausura é a mesma do claustro dos mosteiros. O claustro, o jardim como microcosmo. As sequelas da Universidade clássica. Mas não quer dizer que deva ser sempre assim (FUÃO, 2006, grifo nosso).

Este artigo busca examinar alguns aspectos das relações espaciais entre cidade e universidade, em especial no que tange à questão do espaço público. Isso porque é na escala do espaço público onde se dão as relações de contato e proximidade entre as pessoas no ambiente urbano; no caso específico de *campi* universitários, é importante averiguar como se dá a interação entre a comunidade universitária e os demais indivíduos e grupos sociais nos espaços públicos. Entendemos que a proximidade física e a interação com a vida urbana devem fazer parte do cotidiano do ambiente universitário, evitando a negação da cidade.

Fuão (2006) ressalta a relação da instituição e conceito “universidade” com a materialidade física e a espacialidade. Ele pleiteia a “desconstrução de seus cerceamentos conceituais e físicos, de seus limites, de suas fronteiras, de seus contornos”. Dos limites entre dentro e fora.

A criação de um novo *campus* da Universidade Federal de Sergipe na cidade de Laranjeiras, em 2007, nos faz vislumbrar novas possibilidades a serem construídas e potencializadas, de uma universidade mais presente na sociedade. Ao mesmo tempo, este campus nos oferece uma boa oportunidade para a análise urbanística desta relação entre os espaços universitários, onde se desenvolve a vida acadêmica e a cidade, principalmente porque um dos cursos que ali estão instalados é o de Arquitetura e Urbanismo. Consideramos a proximidade cotidiana com a cidade e seus espaços públicos algo extremamente proveitoso para a formação destes profissionais que trabalharão com arquitetura e cidade, na medida em que têm a possibilidade de uma vivência acadêmica em constante interação com o ambiente urbano e a população moradora da cidade.



Figura 1 - Ambiência bucólica no campus São Cristóvão.

Fonte: César Matos e Silva, 2011.

Este novo campus foi inaugurado em 2007 na cidade de Laranjeiras (26.903 habitantes, segundo o Censo IBGE 2010), a 25 km de Aracaju, abrigando os cursos de Arqueologia, Arquitetura e Urbanismo, Dança, Museologia e Teatro. As edificações estavam bastante danificadas, em boa parte eram ruínas, tendo sido objeto de intervenção arquitetônica ao longo de três anos. Os investimentos e idealização do projeto são frutos de uma parceria entre a Universidade Federal de Sergipe, a Prefeitura Municipal de Laranjeiras, o Governo do Estado de Sergipe e o Governo Federal, através do programa Monumenta, vinculado ao IPHAN. Laranjeiras possui um respeitável acervo arquitetônico através de edificações que são reconhecidas nacionalmente por meio do seu tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.



Figura 2 - Em primeiro plano, o Mercado Municipal e a praça onde ocorrem as feiras livres aos sábados. Ao fundo, o campus da UFS.
Fonte: César Matos e Silva, 2011.

A configuração atual do campus no centro da cidade apresenta uma significativa diferença com o campus em Aracaju, pois em Laranjeiras os blocos de ensino estão inseridos na área mais dinâmica da cidade, o que possibilita aos estudantes um contato mais estreito com a população local, se comparado com outros *campi* localizados em zonas mais afastadas dos centros urbanos. Esta disposição central faz gerar uma dinâmica social peculiar que permite aos estudantes produzir novos conhecimentos a partir do que é observado no próprio entorno da universidade. Assim torna-se possível, a partir dos espaços de sala de aula, vislumbrar a cidade através das aberturas das janelas que se voltam para a cidade. A universidade não se fecha e nem se enclausura espacialmente perante a cidade: as portas e janelas podem se abrir diretamente para a rua.



- LEGENDA:**
- 1- *CAMPUS*
 - 2- BICAL
 - 3- PRAÇA DA REPÚBLICA
 - 4- MERCADO MUNICIPAL
 - 5- RIO COTINGUIBA
 - 6- CALÇADÃO
 - 7- PREFEITURA
 - 8- CENTRO DE TRADIÇÕES
 - 9- RODOVIÁRIA
 - 10- IGREJA MATRIZ SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
 - 11- PRAÇA DA MATRIZ
 - 12- MUSEU DE ARTE SACRA

Figura 3 - Localização do campus universitário e seu entorno urbano.
Fonte: Fonte: Google Earth, imagem reformada por Karen Waneska de Jesus, 2011.

Dessa forma, a proximidade entre os espaços da universidade e os espaços urbanos configura-se em um “campo fértil” para os estudantes interagirem com a comunidade, possibilitando uma importante troca de conhecimentos, fato que deve ser aproveitado por ambas as partes. A produção do conhecimento e o estudo crítico integrados à dinâmica urbana e o convívio social do centro da cidade constituem um elemento singular na produção e amadurecimento dos novos saberes.



Figura 1 - Ambiência bucólica no campus São Cristóvão.

Fonte: César Matos e Silva, 2011.

Considerações finais

Para Milton Santos (1999, p. 50), o espaço é uma construção social que se constitui através da inter-relação entre a materialidade (configuração físico-territorial) e as relações sociais (vida que anima a materialidade). Na vida cotidiana, quanto maior a intersubjetividade, o contato face-a-face e o compartilhamento do lugar, maior a densidade comunicacional (op. cit., p. 205). Nas áreas centrais de uma cidade, por exemplo, podemos observar a alta densidade comunicacional durante o dia, quando o comércio está em pleno funcionamento, e assim entendemos que os espaços não se resumem à sua materialidade física. À noite, com as ruas vazias de pessoas, não há vida que anima a materialidade; os espaços públicos, antes cheios, tornam-se outros espaços. Para o autor, nas relações sociais e urbanas a proximidade é fundamental, que “tem a ver com a contiguidade física entre pessoas numa mesma extensão, num mesmo conjunto de pontos contínuos, vivendo com a intensidade de suas inter-relações” (SANTOS, op. cit., p. 255).

Retomando Fuão (2006), que pleiteia uma universidade incondicional, ela:

[...] deveria ser o lugar onde se dão os encontros, as conversas, as filosofias (mas) ela está longe de ser um lugar público, está fechada, e cada vez é menos representativa da sociedade. (...)

Não é cerrando-se que resistirá, mas sim deixando que essas fissuras se espalhem e comprometam os muros, e a própria estrutura, permitindo, assim, a passagem de quem realmente deseja entrar e nunca teve a possibilidade. Não para virar mercadoria, mas para retornar a suas bases. (...)

A chegada da UFS em Laranjeiras trouxe muitos desafios. Ainda existem barreiras entre a universidade e a comunidade local, algo compreensível nos primeiros tempos de instalação em uma nova cidade. Mas é preciso atenção da comunidade universitária para que atividades acadêmicas, eventos e projetos promovam e incentivem o encontro com os moradores da cidade, trazendo-os para dentro dos muros da universidade e que estes se sintam verdadeiramente incluídos nesse processo de expansão do ensino universitário. Enfim, para que a universidade seja um lugar comum a todos. Para que se dê o encontro.

BIBLIOGRAFIA:

FUÃO, Fernando Freitas. *A Universidade incondicional*. Arquitextos, São Paulo, 07.073, Vitruvius, jun 2006 http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07_073/348, acesso em 04/02/2011.

SANTOS, Milton. *A Natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. *Reproduzindo modelos. O plano piloto do campus da Universidade Federal de Santa Maria, RS*. Anais do 5º Seminário DOCOMOMO Brasil, São Carlos, 2003.

SCHULZ, Sonia Hilf. *Estéticas urbanas: da polis grega à cidade contemporânea*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

César Henriques Matos e Silva
cesarmatos.br@gmail.com

Karen Waneska de Jesus
karenwaneska@hotmail.com

Asher Kiperstok

Engenheiro Civil. PhD em Engenharia Química Tecnologias Ambientais pela University of Manchester Institute of Science and Technology. Professor da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPQ. Coordenador da Rede de Tecnologias Limpas da Universidade Federal da Bahia.

Karla Esquerre

Engenheira Química. Doutora pela (UNICAMP/ University of California Santa Barbara - EUA). Pós-doutora em Engenharia Sócio-Ambiental pela University of Hokkaido (Japão). Coordenadora do curso de graduação em Engenharia de Controle e Automação (UFBA). Professora de Pós-Graduação em Engenharia Industrial (PEI) e Mestrado em Meio Ambiente, Águas e Saneamento. Pesquisadora da Rede de Tecnologias Limpas da Bahia.

asher@ufba.br
karlaesquerre@ufba.br

PRODUÇÃO, CONSUMO E SUSTENTABILIDADE NO CONTEXTO PAN-AMERICANO URBANO

Se a discussão ambiental adquiriu a dimensão em que se encontra hoje, isto se deve a vários fatores. Entre os principais, queremos salientar o crescimento sem precedentes da capacidade de consumo material da sociedade e o conhecimento científico alcançado sobre fenômenos globais, tais como a mudança climática.

Vivemos um momento histórico onde, enormes massas de população pobre começam a ter acesso aos bens de consumo que os ricos sempre consideraram requisito para uma vida minimamente confortável. Isto também acontece intensamente na América Latina. Por sua vez, o conhecimento científico sintetizado no trabalho do Painel Intergovernamental para a Mudança Climática (IPCC em Inglês) nos permite visualizar com razoável clareza a gravidade deste fenômeno.

Depois da Ásia, que experimenta crescimento econômico fantástico há mais de uma década, os países da América Latina vêm, gradativamente, dando acesso ao consumo às classes sociais tradicionalmente marginalizadas do mercado. O crescimento da renda per capita gera crescimento do consumo e este, novas demandas de produção que, por sua vez, passam a pressionar os recursos naturais em ritmo nunca antes vistos.

Alguns autores ainda insistem na tese que, é o crescimento populacional que pressiona os recursos ambientais. As taxas de crescimento demográfico se encontram em níveis muito baixos para podermos afirmar ser este crescimento o principal fator da crise ambiental. Na realidade, é o crescimento do consumo per capita que está provocando esta crise. Porém, nada mais justo que a população marginalizada durante toda a história do acesso aos confortos permitidos pela moderna tecnologia, possa gozar também deste consumo. Para sair desta encruzilhada devemos deter-nos nos dois principais componentes da sustentabilidade, produção e consumo. No primeiro, destaca-se a necessidade de desenvolver inovação ambiental e, no segundo, a mudança de comportamento.

Como isto se coloca no contexto pan-americano urbano em especial para a América Latina?

Interessante observar que os países que não se inserem na interseção pan-americana/latino americana são, basicamente, os Estados Unidos e o Canadá. Estes países detêm as maiores rendas per capita do continente e entre as maiores do planeta. Em grande parte, em função disto, são também os maiores emissores per capita de gases estufa. Segundo o site da organização não governamental The Conference Board of Canada (<http://www.conferenceboard.ca>), em 2008 as emissões per capita deste país e dos EUA foram superiores a 22 giga toneladas de CO₂ equivalente. Três vezes maior que a de países como a Suécia, por exemplo.

Os Estados Unidos talvez sejam o melhor exemplo de insustentabilidade ambiental, mas detêm um modelo de produção e consumo admirado, não apenas por políticos e economistas conservadores, mas pela maioria do nosso mercado consumidor. Assim, sem considerar questões ambientais, a perseguição pelo crescimento do PIB virou uma corrida “pelo bem estar das sociedades” e o crescimento econômico passou a ser visto como a solução para os problemas de toda e qualquer nação.

Para que se possa ter uma estimativa do que representa a busca por padrões de consumo norte-americanos observemos a Figura 1. Nesta figura, consideraram-se os 25 países americanos com população superior a um milhão de habitantes, o que representa 99,5% da população do continente.

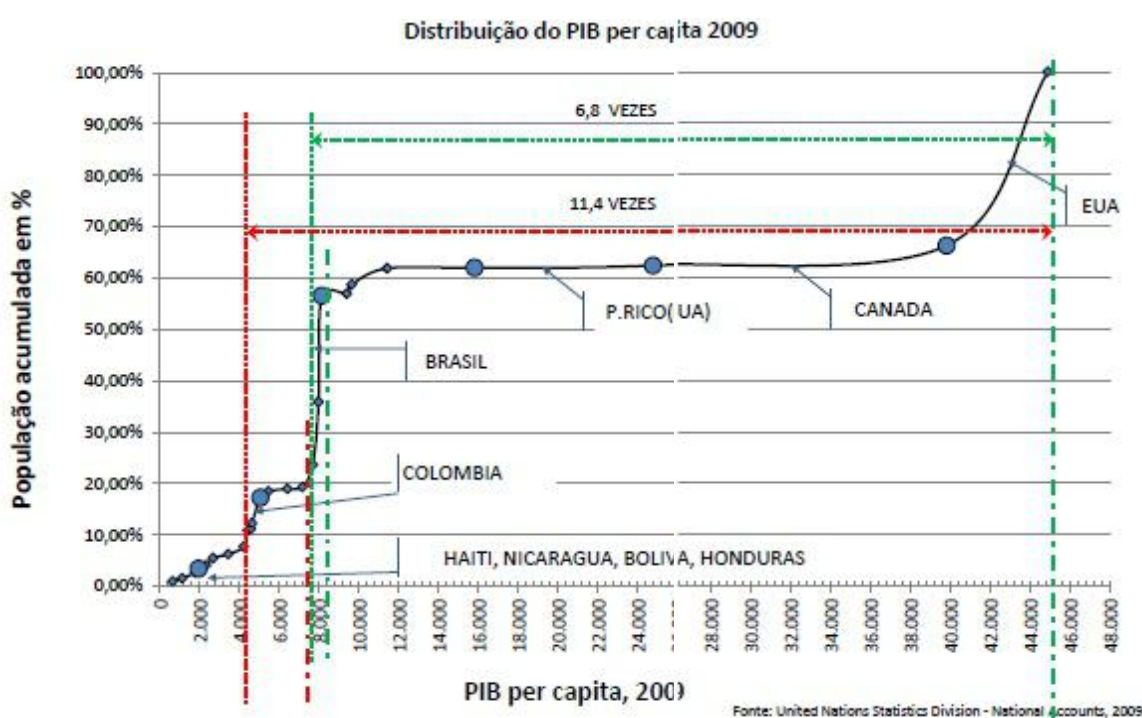


Figura 1 - Distribuição da renda no continente americano
Fonte: Dados extraídos da Divisão de Estatística das Nações Unidas, 2009

¹ Sugere-se a leitura da Publicação da Agência Internacional de Energia/OCDE, Energy Technology Perspectives, 2008, que faz uma análise detalhada da necessidade de inovação revolucionária em nível global, para se conseguir efeitos relevantes na reversão dos cenários de mudança climática.

Os dados referentes ao PIB per capita foram extraídos de trabalhos das Nações Unidas disponíveis em fonte: <http://unstats.un.org/unsd/snaama/introduction.asp>. Para elaborar a estimativa, considerou-se que a renda per capita representa o padrão de consumo do habitante do país, não levando em consideração a distribuição de renda dentro dele.

Observa-se que, os países que constituem a parcela 20% mais pobre detêm um PIB médio per capita inferior a US\$ 4.000 por ano. Já para os países agregados nos 57% de menor PIB per capita este chega a US\$ 6.600 por ano. Se considerarmos um horizonte de referencia de 3 a 5 décadas para permitir que a população destes países alcance o padrão de renda dos EUA, isto implicaria em pensar que o PIB per capita dos 20% mais pobres teria que crescer mais de 11 vezes e, o dos 57% mais pobres, quase 7 vezes. A não ser que inovações tecnológico-ambientais radicalmente revolucionárias venham a ocorrer, o que é pouco provável¹, este crescimento da renda per capita deverá repercutir em aumento semelhante no uso de recursos ambientais.

Se acompanharmos as emissões de CO₂ dos países pan-americanos quando comparados às respectivas rendas da sua população, pode-se observar que a relação emissão/renda tende a se comportar de forma semelhante a das potências da América do Norte (Linha 1 da Figura 2).

A linha tracejada (1) indica uma determinada tendência de aumento da emissão de CO₂ (observe que não se refere a todos os gases estufa) com o crescimento da renda per capita. A Venezuela, em função da forte dependência de sua economia com a indústria do petróleo, representa uma tendência ambientalmente negativa, com emissão de CO₂ bastante superior a de outros países com renda per capita semelhante.

Na mesma figura foram considerados países da Europa como Alemanha, Reino Unido, Espanha e Suécia. Esta inserção visa ilustrar que as altas taxas de emissão de carbono não se devem tanto a questões relacionadas com as temperaturas destes países, mas a modelos de desenvolvimento diferentes. Não aprofundaremos isto neste trabalho, porém convém considerar, entre outras, a questão do uso do transporte individual em relação ao coletivo nas cidades destes países, ou, como no caso da Suécia, a instituição de taxas sobre a emissão de carbono mesmo com crescimento econômico de 4,8% ao ano.²

Mas se o padrão de desenvolvimento tendesse, conforme indicado na linha (2), poder-se-ia ter um cenário menos ambientalmente agressivo para o crescimento da renda per capita. Esta segunda opção se enquadra dentro do conceito da descarbonização da economia. Alguns autores preferem trabalhar, de uma forma mais ampla, com o conceito de desmaterialização da economia. Isto é, reduzindo-se o fluxo de recursos materiais para cada dólar gerado e movimentado na sociedade. Além disso, poderíamos pensar no desenvolvimento de padrões de bem estar que dependam menos do apelo pelo crescente consumo de bens materiais.

² <http://energiasrenovaveis.wordpress.com/2010/10/28/suecia-quer-ser-o-primeiro-pais-neutro-em-carbono/>

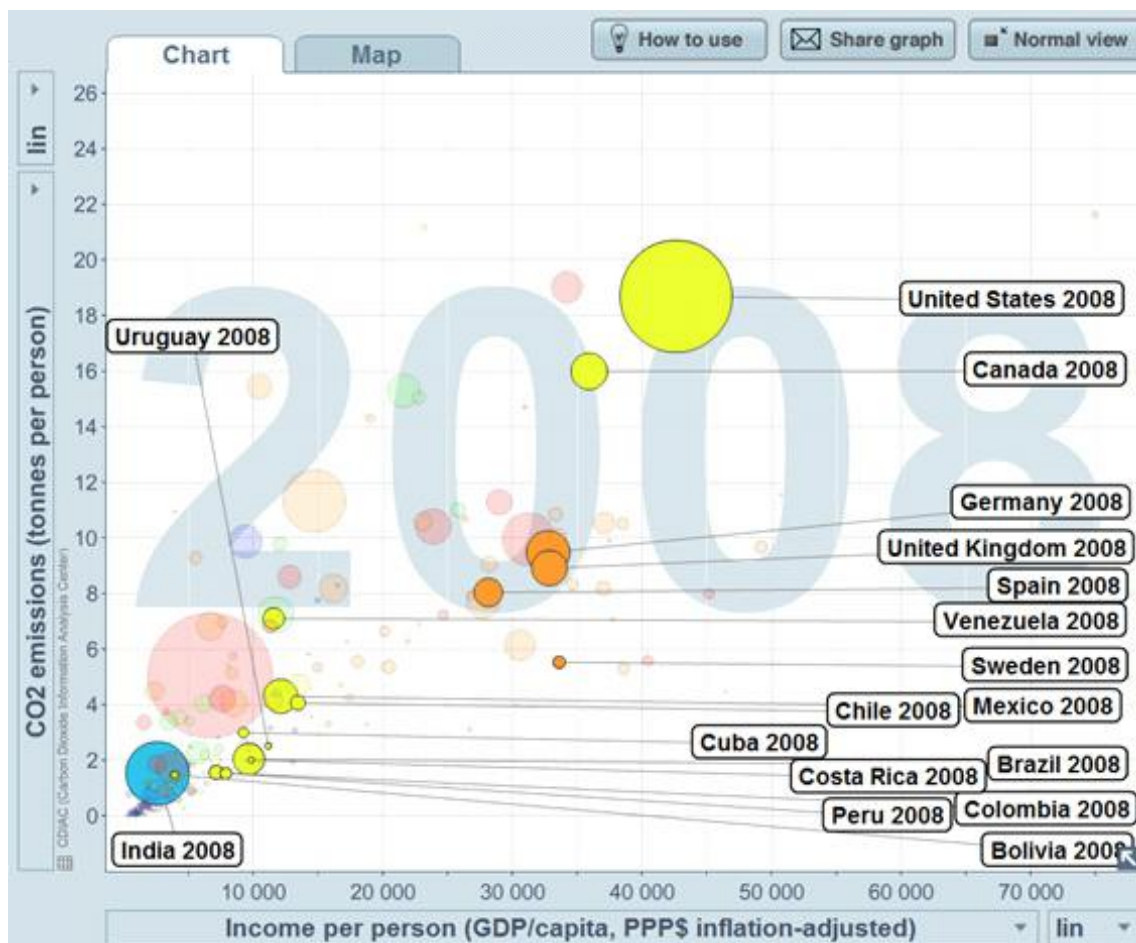


Figura 2 - Emissões de CO₂ e renda per capita (adaptado da fonte abaixo, a linha tracejada é de autoria dos autores deste artigo)³

³ Visualização do Gapminder World, acionado por Trendalyzer a partir de www.gapminder.org, esta figura pode ser recuperada a través de www.bit.ly/FQipSN. Os dados utilizados pela ONG Gapminder são obtidos de fontes respeitadas e podem ser acompanhadas no site indicado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

National Accounts Statistics: Main Aggregates and Detailed. Disponível em Tables. <http://unstats.un.org/unsd/snaama/introduction.asp>. Acessado em julho de 2012.

Explore de world: Gapminder World shows the World's most important trends. Disponível em www.gapminder.org. Acessado em julho de 2012.

Suécia quer ser o primeiro país neutro em carbono. Disponível em <http://energiasrenovaveis.wordpress.com/2010/10/28/suecia-quer-ser-o-primeiro-pais-neutro-em-carbono/>. Acessado em julho de 2012.

Energy Technology Perspectives, 2008. Disponível em <http://www.iea.org/media/etp/ETP2008.pdf>. Acessado em julho de 2012.

O futuro ambiental da comunidade pan-americana dependerá das opções de produção e consumo que esta venha a construir ao longo dos anos. O sucesso de políticas que se preocupam apenas com indicadores de crescimento econômico, fundamentados na crescente exportação de commodities, minerais ou agrícolas, poderá se ver comprometido num futuro de crescentes restrições ambientais. Alternativas de desenvolvimento tecnológico, focadas na racionalização do uso de recursos naturais, dificilmente acontecerão se forem baseadas apenas na riqueza gerada pela atual disponibilidade desses.

Roseline Vanessa Oliveira Machado

Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL e do Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela (UFBA/UALG - Portugal). Líder do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem e tutora do Programa de Educação Tutorial.



ARQUITETURA DO RESTO EM BERLIM

A curiosidade inerente ao olhar do viajante, obviamente, busca diferentes paisagens. As cidades mais visitadas do mundo estão no continente europeu enquanto berço da cultura ocidental, oferecendo uma diversidade paisagística, a qual comporta um conjunto arquitetônico que tem vencido os efeitos inevitáveis das ações do Tempo³.

Entretanto, dentre esses lugares, um configura objeto de desejo dos viajantes, não por sua memória de longa duração, mas por remanescentes de acontecimentos que se desenrolaram há pouco mais de meio século: a Alemanha.

³ELSNER., RUBIÉS, J. (org.), 1999.



Figura 1 e 2 - Cartões postais com o tema do Muro adquiridos em loja de souvenir berlinense. FONTE: arquivo pessoal

Este território tem raízes urbanas no período medieval, contudo as permanências de sua memória mais remota estão representadas pelo núcleo barroco (um momento recente para uma ocupação do continente europeu), que, apesar de estar conformado por edifícios estilisticamente expressivos, tem um poder de atração um tanto tímido em comparação com os fragmentos paisagísticos dos últimos 50 anos.

Na verdade, milhares de pessoas viajam a terras alemãs para ver sinais de um passado marcado por conflitos políticos e sociais. Campos de concentração e áreas bombardeadas, por exemplo, são tidos como pólos de rememoração para os visitantes. Tal interesse se denuncia pelos cartões postais que recheiam os inúmeros estabelecimentos beneficiados com a dinâmica do Turismo, onde a Segunda Guerra e o Muro são temas explorados com significativa vontade.

As expressões físicas da história política da Alemanha tornaram-se, pois, os temas mais explorados pela indústria do Turismo, cujas ações vão a reboque da própria noção contemporânea de patrimônio, a qual tem, cada vez mais, a diferença, a particularidade, como o bem social que deve ser preservado. Nesse sentido, a guerra, o Nazismo, o holocausto, ou seja, os conflitos que fizeram com que esse país fosse mundialmente conhecido, também o transformaram em um objeto de desejo.

O museu judaico, por exemplo, é parada obrigatória dos visitantes, mesmo que a maioria nem note que, talvez, a maior expressão representativa da história dos judeus, no contexto do Nazismo, esteja gravada nos rasgos das fachadas do edifício... Nem o "homem do sinal" (Ampelmaan), o soldadinho que figurava os semáforos da Alemanha Oriental, se salvou da apropriação do Turismo, tornando-se o ícone mais famoso de Berlim quando se trata de souvenirs.

⁴ URRY, 1996.

Nesta perspectiva, se por um lado a história da Alemanha, mais especificamente a berlinense, é marcada por destruições e preconceitos, por outro, foram as próprias conseqüências desses conflitos em termos de intervenção urbana que permitiram a formação de uma cidade jovem, atual e cheia de novidades, com um conjunto arquitetônico, muitas vezes implementado por concursos públicos, que recheia os livros de História da Arquitetura.

Os danos causados pelos bombardeios permitiram que a cidade fosse reconstruída, muitas vezes, partindo do zero. O tratamento dado ao seu espaço público é visto como um exemplo a ser seguido, especialmente aquele relativo à mobilidade urbana. Quem chega a Berlim logo percebe que a cidade é dos que caminham e dos que pedalam... Os carros, na maioria das vezes, têm que ser guiados em zig-zag, em função da composição da rua que comporta micro praças, vegetação e estacionamentos locados de maneira fluida.

São justamente os avanços relativos à estrutura física da cidade que traz à tona questões acerca da memória urbana, da história do lugar, da apropriação do que restou. Restaurar em Berlim é mais que mudar a cor ou o uso de determinado espaço. É tornar um espaço residual ocupável, independentemente das feições físicas da sobra urbana.



Figura 3 - Antigos semáforos ainda funcionando na parte oriental da cidade.
Fonte: OLIVEIRA, Roseline.

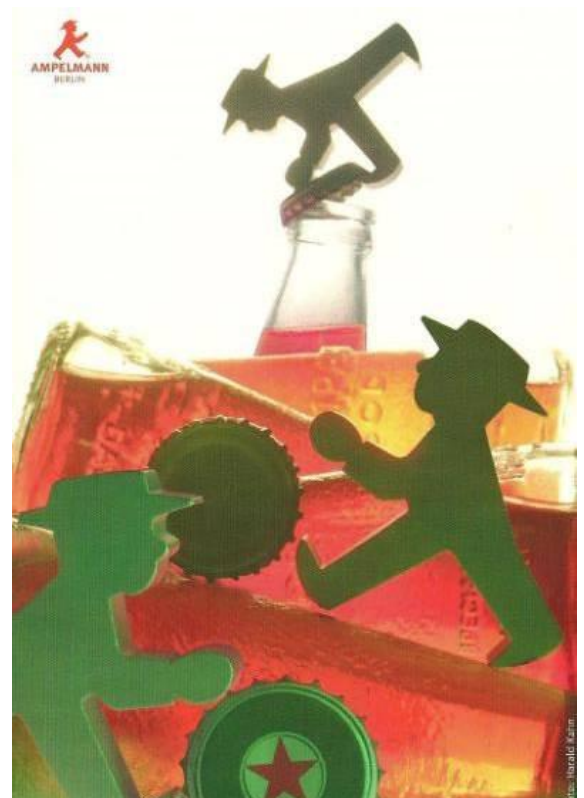


Figura 4 - Material de propaganda em loja de souvenir berlinense.
Fonte: arquivo pessoal.



Há muitas situações que denunciam esse processo de apropriação dos restos edificados de Berlim. Uma delas está vinculada ao turismo histórico, como a espetacularização do Muro, demolido em 1989, mas que deixou a sua marca (mesmo que artificialmente através dos movimentos do marketing cultural) na cidade, nos mapas e na memória das pessoas. Isso lhe garante um caráter de monumento, independente dos frágeis e sutis resquícios de sua materialidade.

6

Isso também ocorreu com um espaço da cidade conhecido como Tachelles, que significa “falar muito” em hebraico. É um complexo de bares e espaço para performances que ocupam um tipo arquitetônico chamado Miet Caserne (ou casas para alugar). Trata-se de prédios de apartamentos, construídos no século XIX e organizados em formato de U, moldado por um pátio central. Neste espaço há palcos, ateliês de artistas e bares. Em termos de caráter formal, o Tachelles causa estranhamento por vários aspectos, dentre os quais, a aparente inexistência de uniformidade de zoneamento e de mobiliário. Em outras palavras, há espaços de permanência, de serviços, e de passagem, sem que sejam delimitados por qualquer tipo de marcação de piso, nem símbolos de comunicação visual. Os assentos são, por exemplo, balanços, pedras, galhos de árvores, pedaços de letreiros... Uma composição fluida, como se, espontaneamente, os elementos fossem ocupando seus lugares, escolhendo suas funções.

Para ARGAN (1998, p.43) cidade é um resultado de um processo que não se resume a aspectos visíveis ou arquitetônicos, mas sim também são conformadores do espaço urbano, “(...) os ambientes das casas particulares; e o retábulo do altar da igreja, a decoração do quarto de dormir ou da sala de jantar, até mesmo o vestuário e o ornamento com que as pessoas se movem, recitam a sua parte na dimensão cênica da cidade. O espaço figurativo (...) não é feito apenas daquilo que se vê, mas de infinitas coisas que se sabem e se lembram, de notícias. Até mesmo quando um pintor pinta uma paisagem natural, pinta na realidade um espaço complementar do próprio espaço urbano”.



6 Através da 'teoria das permanências', Aldo ROSSI (1995, p.49) indica o reconhecimento da importância dos remanescentes do passado, tentando mostrar que, mais que objetos que contêm uma função utilitária ou reduzidos a mera contemplação, os monumentos significam que “o passado é, em parte, experimentado agora e que, do ponto de vista da ciência urbana, pode ser este o significado a dar às permanências: elas são um passado que ainda experimentamos”, pois o monumento é 'produto de uma coletividade e da relação que temos com a coletividade através dele'.

Figuras 7,8 e 9 - Reapropriação de espaços residuais oriundos de bombardeios.
Fonte: OLIVEIRA, Roseline.



De acordo com CALVINO, um fragmento de paisagem pode-se traçar histórias de apreciação do lugar, pois, "às vezes, basta-me uma partícula que se abre no meio da paisagem incongruente (...) para pensar que partindo dali construirei pedaço por pedaço a cidade perfeita, feita de fragmentos misturadas com restos, de instantes separados por intervalos, de sinais que alguém envia e não sabe quem capta". (1990, p.149).

A história da arquitetura é a história das pessoas. Coisas que aconteceram com elas e que deixaram marcas na paisagem. E é com expressividade que isso se deixa aflorar na pele urbana de Berlim: uma cidade balizada por um traço bem marcante de memória que hoje a transformou em uma paisagem solta, despojada e de espírito livre.

BIBLIOGRAFIA:

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ELSNER, J.; RUBIÉS, J. (org.) *Voyages and Vision: toward a cultural history of travel*. London: Reaktion books, 1999.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LE GOFF, John. *História e Memória*. São Paulo: UNICAMP, 1992.

URRY, John. *O olhar do turista*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.



Amanda Rodrigues Teixeira Cavalcante¹

Bolsista do Programa de Educação Tutorial - Pet Arquitetura. Monitora da disciplina de Sistemas Estruturais da mesma Universidade

Ana Luiza Cavalcanti Mendonça¹

Bolsista PIBIC do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem

Karla Rachel Jarsen de Melo Calheiros¹

Bolsista PIBIC do Grupo de Pesquisa Representações do Lugar - RELU

Laura Holanda Gameleira¹

Colaboradora do Grupo de Estudos da Cidade - URBE

Karla de Almeida Clemente¹

Colaboradora do Grupo de Estudos do Ambiente Sonoro - GEAS

DA MATA AO MAR: PARQUES URBANOS EM MACEIÓ-AL E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL LOCAL

Entende-se equipamento urbano todos os bens de utilidade pública destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade. Tornando-se efetiva a partir do século XIX, motivada pela ação romântica contra as conseqüências urbanas da Revolução Industrial, a implantação dos parques no mundo abriga vários usos e funções atribuídos pela sociedade, resultando em diversos sentidos e formas que esses espaços assumem contemporaneamente.

"Os parques são equipamentos urbanos que fazem parte do sistema de espaços livres das cidades brasileiras." (DEGREAS, 2010)

A partir do século XX, os parques deixam à margem seu ideal original de embelezamento urbano e exibição da sociedade burguesa e passam a ser recriados como refúgio em meio à agitação da vida urbana. Surge, pois, a idéia dos espaços verdes para a socialização, proporcionando, dentre outros aspectos, o contato físico e ativo com a natureza.

Este artigo visa relacionar dois espaços públicos urbanos da cidade de cunho recreativo à educação ambiental da população, o Parque Municipal de Maceió e a orla marítima, na medida em que proporcionam aos seus habitantes, além de lazer e recreação, um maior contato com a natureza, podendo ser tomados como aliados na busca pela conscientização da premência de sua preservação.



Figura 1 - Vista de uma das trilhas do Parque Municipal e da Orla marítima de Maceió em um dia de domingo.
Fonte: CAVALCANTE, Amanda R. T.

A educação ambiental é um processo de aprendizagem permanente e requer responsabilidade individual e coletiva a nível local, nacional e mundial, estando ligada à cultura de relação entre a natureza e a sociedade, através da formação de uma atitude ecológica nas pessoas. Tendo como um de seus fundamentos a visão socioambiental, a educação ambiental afirma que o meio ambiente é um espaço de relações, um campo de interações culturais, sociais e naturais. Devendo integrar, conhecimentos, aptidões, valores e atitudes convertidas em experiências educativas de sociedades sustentáveis, em outras palavras, sendo um elemento de cidadania, que implica, ao mesmo tempo, conhecimento e compromisso político.

"A criação de parques nas cidades está direcionada a diversos interesses e discursos que procuram justificá-la. Como exemplo, pode-se citar o discurso do homem moderno sobre a necessidade de espaços que propiciem condições de lazer esportivo e contemplativo, e o discurso que permeia a preocupação com a problemática ambiental urbana." (SILVA e GOMES, 2010)

Maceió conta com o Parque Municipal e o Parque Gonçalves Lêdo – este último, atualmente, apresenta características mais semelhantes às praças de transição, mas não será o foco do artigo – como os únicos espaços com tal denominação, em compensação há a extensa orla litorânea, considerada um parque linear, que segundo Majela e Robalinho, é mais valorizada e trabalhada paisagisticamente, sendo, portanto o principal parque da cidade.

Com relação a seus atrativos, o parque possui um jardim sensorial, direcionado a pessoas com necessidades especiais, com algumas espécies de pequeno porte que podem estimular os sentidos do corpo, como o cheiro prazeroso do manjeriço ou a textura agradável da hortelã, gerando uma interessante iniciativa de inclusão social. Há também um viveiro cuidado por funcionários do parque, com mudas de diversas espécies, onde cada visitante pode escolher uma espécie de sua preferência para levar consigo, além de que, o projeto paisagístico da cidade busca no Parque Municipal as plantas a serem utilizadas.

O Parque auxilia escolas que procuram visitar o local, oferecendo palestras, aulas práticas e guias para orientar pequenos grupos em trilhas ecológicas, divulgando a educação ambiental e a importância de preservação da natureza. Por outro lado, fazendo o percurso da trilha principal, foram vistos os mais variados tipos de lixo, a maioria aparentemente advindos de visitas (pacotes de salgadinho, biscoito, garrafas de refrigerante, etc). Contrariando os ideais de educação ambiental que o Parque afirma divulgar. Tal fato poderia ser minimizado se antes de cada caminhada fosse feita uma introdução sobre o quanto é relevante jogar lixo nos locais adequados e as consequências que podemos sofrer se não mantivermos conservada a natureza, além da implantação de lixeiras pelo percurso, para não estimular as pessoas a jogarem resíduos de lanches nas matas.

Figura 2 - Estímulo dos sentidos através do jardim sensorial e as algumas das diversas espécies no viveiro do Parque Municipal.
Fonte: CAVALCANTE, Amanda R. T..



Uma das soluções para mitigar os problemas ambientais seria uma maior fiscalização do espaço, com mais vigilantes em campo, visto que a área é muito extensa e de livre acesso; outras sugestões feitas pela população circunvizinha foram: implantação de mais atrativos como playgrounds e equipamentos para musculação; maior prática de programas de educação ambiental para despertar uma consciência de preservação nos usuários; a implantação de coleta seletiva e a distribuição de mais lixeiras, evitando assim o lançamento desses resíduos em locais inadequados, como também, a incrementação dos meios de informação e o acesso ao Parque, bem como o fortalecimento do papel indutivo do poder público nos conteúdos educacionais, como caminhos possíveis para alterar o quadro atual de degradação socioambiental.

A orla marítima de Maceió, com seus espaços livres e contínuos, constitui um parque linear interrompido apenas pelo porto de Jaraguá. Como características de parque, a orla possui bastante natureza (praia e vegetação), bancos, playground, quadras de esporte, além de espaços para apresentações culturais, quiosques e bares, que fomentam ainda mais sua frequência. É considerada um ponto de referência da cidade, onde pessoas de vários bairros podem usufruir, seja dos espaços livres ou dos estabelecimentos privados.

A Orla é frequentemente utilizada durante todo o dia, com pessoas fazendo caminhadas, visitando o Pavilhão do Artesanato, desfrutando de algum restaurante de comida local, andando de bicicleta, entre outras atividades. Com seu fluxo ainda maior nos finais de semana, principalmente aos domingos, quando parte do seu trajeto é interditado, – impedindo a passagem de veículos, estendendo a área do parque de forma efêmera – atraindo os usuários a interagirem com o espaço através de equipamentos de recreação infantil, banda da polícia militar, aulas gratuitas de dança ao ar livre, stand onde é possível checar o nível de glicose e pressão dos usuários daquele espaço, vídeos – sobre a sombra e o frescor das árvores – conscientizando a respeito da dependência química, a própria contemplação da paisagem natural, entre outros atrativos e atividades que expandem ainda mais as funções do espaço, que primordialmente são a recreação e o lazer.



Figura 3 - Alguns dos atrativos do parque linear, como carrinhos para recreação das crianças, ciclovia e espaço amplo para caminhadas.

Fonte: CAVALCANTE, Amanda R. T.

Dessa forma, é notório que, a orla marítima atua como o principal parque da cidade, aumentando a qualidade de vida da região. Sua relativa facilidade de acesso – pois a maioria dos circuitos de transporte público aborda as praias urbanas – permite que a população desfrute de áreas esportivas, culturais e de lazer. Contudo, acredita-se que tais ações possam ser ainda mais potencializadas através da implementação de programas de conscientização ambiental – por meio de diferentes maneiras, uma delas seria “o emprego de tecnologias ambientais na infraestrutura do parque. (...) aquelas soluções alternativas econômicas sobre abastecimento de água, consumo de energia e tratamento de resíduos” (MACHADO, Rodrigo; TANGERINO, Mikhail. 2009) mostrando a seus visitantes novas formas de racionalização e de dar um fim correto aos resíduos produzidos em casa – políticas preventivas de limpeza da orla e dispositivos permanentes de recreação – além dos disponíveis aos domingos quando parte da avenida tem o tráfego interditado, ampliando, de forma efêmera, o uso da orla como parque.

Com isso, torna-se perceptível o que Pádua e Tabanez já haviam findado em 1998, que "a educação ambiental propicia aumento de conhecimento, mudança de valores e aperfeiçoamento de habilidades, condições estas básicas para estimular maior integração e harmonia entre indivíduos e o meio ambiente." Porém, a consciência ecológica, sozinha, não garante uma ação transformadora, sendo necessário incorporar conhecimentos e atividades preventivas às ações. Pois, a falta de informação e o déficit de práticas comunitárias – baseadas na participação e envolvimento dos cidadãos nas políticas de gestão ambiental – geram más consequências aos parques, a exemplo, o despejo inapropriado de lixo que acontece no Parque Municipal.

Os parques devem preencher vazios urbanos, estabelecendo conexões e dispondendo de meios propícios para difundir a cultura e o cuidado com a natureza, além de oferece lazer ativo e passivo. Em Maceió, apenas a orla marítima se aproxima dessas medidas. Acredita-se que seja necessário um maior comprometimento das entidades formadoras de opinião, desde os ambientes escolares até os gestores, em gerar e preservar essas áreas que valorizam a cidade e proporcionam uma melhor qualidade de vida, aproveitando mesmo a própria feição urbana de Maceió marcada por uma paisagem natural generosa e acessível.

Figura 4 - Vista da orla marítima num dia de Domingo, quando parte da avenida é interrompida para que a população possa usufruir do espaço com mais liberdade.

Fonte: CAVALCANTE, Amanda R. T..



Amanda Rodrigues Teixeira Cavalcante
amandartcavalcante@gmail.com

Ana Luiza Cavalcanti Mendonça
analuzacavalcanti@hotmail.com

Karla Rachel Jarsen de Melo Calheiros
karlaaraquel@hotmail.com

Laura Holanda Gameleira
lauragameleira@gmail.com

Karla de Almeida Clemente
karla_xyz@hotmail.com

Roseline Vanessa Oliveira Machado

Prof. Dra. da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL-Brasil,
Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem,
Tutora do Programa de Educação Tutorial

André Áquila de Nascimento Fonseca

Estudante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

Camila Costa de Lima

Estudante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL
Bolsista do Programa de Educação Tutorial
Colaboradora do Grupo de Estudos da Cidade - URBE

Diogenes Teixeira da Mata Melo

Estudante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL
Bolsista do Programa de Educação Tutorial

Thaiane de Souza Brandão

Estudante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL
Bolsista do Programa de Educação Tutorial
Colaboradora do Grupo de Estudos da Cidade - URBE

«O TEMPO NÃO É O MESMO EM TODO LUGAR»: FACES CONTEMPORÂNEAS DE EDIFICAÇÕES MODERNAS EM MACEIÓ

Na primeira metade do século XX, na arquitetura da cidade de Maceió, Alagoas, permanecia a tímida fisionomia das casas geminadas. Nas palavras de Lúcio Costa, em visita a cidade em 1926: "Girei pela cidade. Olhei para tudo e nada vi, nada que prendesse a atenção. Nada sobressai do resto. (...) tudo suburbano". (COSTA, 1995) Ainda sob as impressões do arquiteto, Maceió tinha uma "praia, mais uma praia diferente de todas as outras praias. Muito plana, muito larga, cheia de coqueiros, desses coqueiros sinuosos, esguios, sinuosos que balançam e cantam com o vento", aspecto que se tornará umas das mais expressivas marcas da cidade. Seu olhar obviamente estava munido pelas lentes do modernismo que, a essa altura, já participava da paisagem de várias capitais brasileiras. Movimento que só atingirá Maceió muitos anos depois...

Em 1991, Maria Angélica da Silva, arquiteta e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL, publica o livro "Arquitetura Moderna - A Atitude Alagoana". O livro teve grande repercussão na época, pois fazia parte de um projeto nacional de intelectuais na perspectiva de conhecer, registrar e divulgar a arquitetura moderna produzida em todo o Brasil. Desde então, a discussão sobre esses edifícios permaneceu silenciosa, desvirtuando também o próprio olhar sobre eles. Com este artigo pretendeu-se revisar esse discurso publicado em contraposição às faces contemporâneas da arquitetura moderna em Maceió, indagando sobre questões acerca da globalidade e localidade.

A abordagem dessa produção partiu da revisão desse primeiro registro sistematizado da arquitetura moderna local e de seu embate com dados obtidos a partir da observação empírica, o que permitiu o reconhecimento dos movimentos de mudanças e permanências.

Os resultados da investigação indicaram que os primeiros movimentos de modernização em Maceió imprimem à arquitetura o constrangimento do cúbico, buscando vencer a expressão vernacular. O espaço físico da Universidade adere ao Moderno não apenas criando os cursos de Direito, Engenharia e Arquitetura, mas também incorporando a ideia de mudança à feição de suas sedes.

No âmbito da cidade, as atitudes modernistas se deu sobretudo com o desafio de vencer os alagadiços que marcavam o sítio de Maceió. “Pavimentação é progresso”, discursa o governador Arnon de Mello diante da Assembleia Legislativa em 1954, quando, na primeira metade do século XX, Maceió vê surgir sua principal e primeira avenida em alameda. Se as residências ainda conformavam-se no padrão neocolonial, praças e arborização assumem o perfil geometrizado.

Como expoentes da produção arquitetônica, tem-se o trabalho de Lygia Fernandes e Zélia Maia Nobre. Com a primeira, as obras de arquitetura moderna realizadas em Maceió conseguem ultrapassar suas fronteiras. Contemporânea de Maurício Roberto, Francisco Bolonha, Acácio Gil Borsóí, e outros colegas da Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro, seu trabalho produzido em Alagoas é difundido em revistas internacionais como L'Architecture d'aujourd'hui.



Figura 1 - Residência Lysette e José Lyra, da arq. Lygia Fernandes. Fonte: SILVA, 1991.

Figura 2 - Fachada Atual do projeto da arq. Lygia Fernandes, onde agora funciona um restaurante oriental. Fonte: SILVA, 1991.

As feições atuais dessa produção ainda são marcadas pelas linhas da silhueta arquitetônica, mesmo tendo sofrido muitas perdas com as inúmeras intervenções realizadas para atender aos movimentos de adaptação de novas funções.

Vinda de Recife, contemporânea de Mario Russo e Melia, a arquiteta Zélia Maia Nobre chega a Maceió com pretensões de atuar dentro de uma concepção moderna. “Eu queria sair do antigo, mas não sabia como” (SILVA, 1991, p. 110). As palavras da arquitetura indicavam que o tempo se fazia desigual entre os lugares e, apesar da timidez com a qual o Modernismo se apresentava em Maceió, sentia-se grande necessidade pelo novo e pelo progresso. O que é visível no projeto de sua residência (1960), situada no bairro do Farol, que se diferencia de forma expressiva da arquitetura que marcava a paisagem da cidade. A arquitetura optou pelo volume com paredes inclinadas e piso com limites recuados, dando a aparência do edifício estar solto do chão.



Figura 3- Residência da arq. Zélia Maia Nobre. Fonte: SILVA, 1991.

Formalmente, é marcado por grandes esquadrias de madeira e vidro em todos os cômodos voltados para jardins e varandas. Sem utilizar calhas, deixa que as águas pluviais corram naturalmente e caiam sobre a vegetação. No interior, espaços generosos sem se agarrar nos moldes funcionalistas, apenas normatizando os hábitos do cotidiano ao que se refere ao arranjo espacial do conjunto de recintos. Desde a sua construção, o edifício abandonou seu caráter residencial para funcionar como academia, sendo essa memória ainda marcada pela existência de um galpão, e hoje como um atelier. Para tanto, foram perdidos jardins internos para dar espaço a mais salas com cobogós e portas de correr, tomando parte do grande jardim que antes circundava a residência.

Contudo, todas as mudanças que descaracterizam a configuração de seu primeiro projeto termina se camuflando pela casca moderna de elementos originais que permanecem na fachada principal. Diferente da residência do arquiteto Joffre Saint' Yves Simon e da residência Afonso Lucena, que passaram por alterações estéticas sem perder a função pela qual foram projetadas.

A primeira, localizada no bairro do poço, próxima a Praça Sinimbu, passou por modificações em seu entorno. A casa que antes se encontrava em uma esquina atualmente está localizada no meio da quadra, indicando que a demanda habitacional não apenas motivou a contigüidade edificada como também mudanças na configuração da rua.

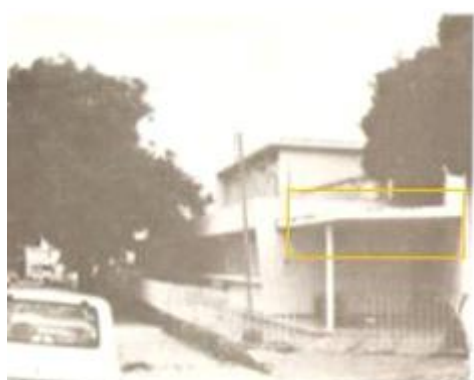


Figura 4- Imagens comparando as feições antigas (SILVA, 1991) e atuais residência do arquiteto Joffre Saint' Yves Simon marcando as caixas de condicionadores de ar e marquises. Fonte: Autores, 2012

As alterações de elementos aparecem logo na fachada da casa. A calçada que era fartamente arborizada encontra-se desnuda, apenas algumas plantas de pequeno porte estão presentes. O gradeado original também foi modificado. Além da degradação causada pelas intempéries, novas grades foram assentadas nas paredes laterais funcionando como demarcação de limites do lote e mesmo uma estratégia de segurança. Na fachada já existia as caixas de ar condicionados, essas ganhou novos suportes, porém, as janelas em madeira, de duas a quatro folhas basculantes foram mantidas.

A residência Afonso Lucena (1963), localizada no bairro do pinheiro em Maceió, também se mantém conservada mesmo depois de quase 50 anos após sua construção. Apresenta traços semelhantes aos da residência da arquiteta Zélia Maia Nobre, tal como o telhado em platibanda e base elevada. O conjunto da fachada apresenta-se conservado, inclusive o jardim com vegetação original e o painel de autoria de Aberlado da Hora, o qual denuncia a tendência de síntese modernista de elemento multifuncional: a parede como elemento de vedação e obra de arte.



A ruína da arquitetura moderna em Maceió não se traduz simplesmente pela destruição física dos edifícios. Estes sobrevivem, mas tal vitalidade está desconectada da vida cultural local. Condição bem diferente do ambiente praieiro - sempre habitado, colorido e dotado de movimento. Sobre a arquitetura moderna, terá Alagoas um dia alcançado o ideal de seus engenheiros e arquitetos ditos modernistas? Guardará aspectos identitários ou compartilhará das concepções ideológicas e projetuais que fundamentou o Movimento?

Das construções modernas em Maceió, uma inegavelmente apresenta vitalidade: apesar das perdas vegetais de seus jardins, na linha reta e extensa da Avenida Fernandes Lima, o desejo de conectar e expandir através do sistema viário alcança o sucesso que a arquitetura não conheceu. Talvez, o tempo de olhar para ela, a arquitetura moderna em Maceió, ainda esteja por vir...

Figura 5 - Imagens comparando as feições antigas (SILVA, 1991) e atuais residência Afonso Lucena, com o painel de Abelardo da Hora. Fonte: Autores, 2012.

BIBLIOGRAFIA:

BORGES, Vanine. Expressões Arquitetônicas de Modernidade em Maceió: Uma Perspectivas de Preservação. Maceió: UFAL, 2009. (dissertação de Mestrado)

COSTA, Lúcio. Lúcio Costa: registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
COOPER, Jorge. Poesia Completa. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, CEPAL, 2010.

FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: DIEGUES JÚNIOR, Manuel. O Banguê das Alagoas. Traços da Influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional. Maceió: EDUFAL, 2002.

MELLO, Arnon de. Mensagem do Governador a Assembléia. Maceió: Imprensa Oficial, 1954.

MENDONÇA JÚNIOR, AS. Vida Social Alagoana na década de vinte. In: AZEVEDO, João Ferreira de. Documentário das comemorações do cinquentenário do Grêmio Literário Guimarães Passos. Maceió: EDUFAL, 1979.

SILVA, Maria Angélica da. Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana. Maceió, Segasa, 1991.

* Adaptação do poema de Jorge Cooper: "As horas não ocorrem ao mesmo tempo em todos os cantos. Entretanto, cada canto tem a seu tempo as mesmas horas".

* Artigo adaptado do texto publicado nos Anais do XXIV Congresso Panamericano de Arquitetos, 2011.

André Áquila da Fonseca
andre_aquila@hotmail.com

Camila Costa de Lima
camilacostaa.26@gmail.com

Diogenes Teixeira da Mata Melo
diogenes_teixeira@hotmail.com

Thaiane de Souza Brandão
thaiane13@hotmail.com

Roseline Vanessa Oliveira Machado
roselineoliveira@gmail.com

Marcela Calheiros de Melo¹Colaboradora do Grupo de Estudos do Ambiente Sonoro - GEAS.
Monitora da disciplina de Sistemas Estruturais no curso de Arquitetura
e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas**Mirelly Dantas Mendes¹**

Participante do Grupo de Estudos do Ambiente Sonoro - GEAS

Camila Maria Santos Bernardino¹**Laíres de Araújo Lima¹****Maria Juliana Mendonça Lyra¹**

UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE O COTIDIANO IMPERCEPTÍVEL

É possível observar que as novas necessidades dos indivíduos alteram o comportamento das cidades. Mas de que forma essas mudanças acontecem? O intuito deste artigo é refletir sobre as permanências e adaptações ocorridas na orla de Maceió, no trecho entre Os Sete Coqueiros e o antigo Gogó da Ema. Para isso, foram comparadas as fotografias dos séculos XX e XXI e, em seguida, houve uma análise visual interpretativa, na qual se observou a relação entre os indivíduos da época e a praia.

A paisagem em seus diversos ângulos proporciona um amplo olhar da cidade e a relação do homem e a natureza. Ela expressa ações de uma cultura sobre determinado espaço e tempo.

A análise do tempo mediante uma ferramenta como a fotografia permite a compreensão da sociedade e sua relação com o espaço, podendo assim fazer comparações com a atualidade, vendo o que permaneceu e o que mudou. Não existe um instrumento preciso que possa medir o nível de mudança ou permanência de cada foto. Assim, o olhar sensível é de extrema relevância para que se compreenda tais fenômenos, analisando cada sutileza e detalhe da imagem de modo que se possa atribuir diferentes valores para cada lugar.

¹Alunas do 5º período de
Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Alagoas.

Figura 1 - Localização da área
em estudo: trecho entre Os Sete
Coqueiros e O antigo Gogó da
Ema.

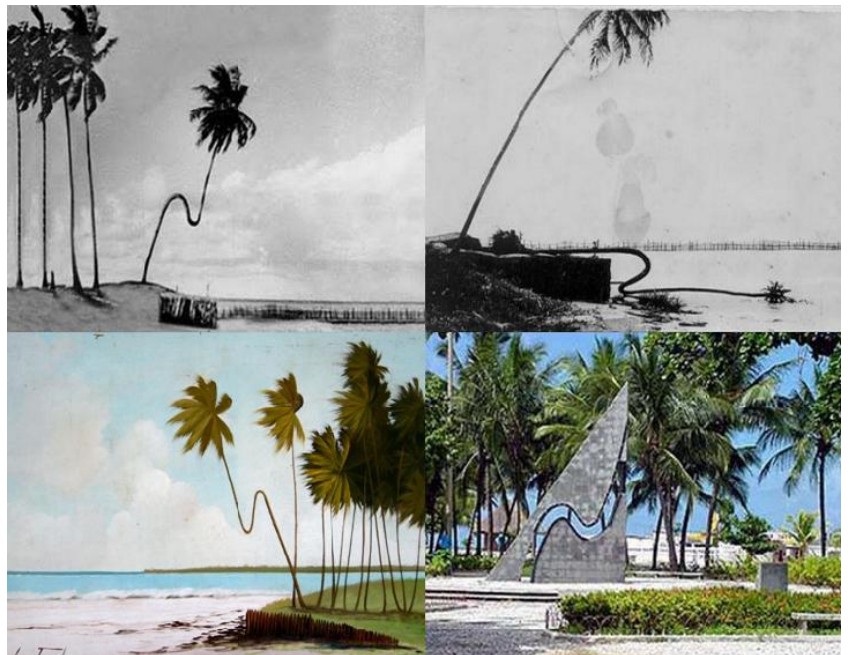
Fonte: Google Maps

Pode-se afirmar que a passagem do tempo proporciona mudanças na natureza, bem como as ações da cultura sobre ela, tornando a forma da paisagem diferente, mas com uma essência alterada ou preservada. A decorrência da ação do tempo sobre o espaço transforma funções e significados, fazendo com que a cidade esteja sempre em renovação.

As fotografias do século XX revelam a importância que a orla marítima tem para a cidade de Maceió e seus habitantes. O Gogó da Ema se destacava em relação ao seu contexto, por apresentar uma forma exótica e única. A população se sentia atraída pelo coqueiro, por ele ser uma escultura natural, estar inserido em local privilegiado com uma área panorâmica ampla. Apesar de ter durado 40 anos, sua lembrança permaneceu em fotos, cartões postais e quadros mostrando a relação entre a natureza e o homem. O que foi um marco para a paisagem, se tornou um ícone para Maceió, representado em uma escultura de mármore localizada em uma praça próxima ao local de origem.

Diferente do Gogó da Ema, o conjunto dos Sete Coqueiros não se destacou por sua forma, mas pela proporção e disposição unida. Devido à altura das árvores, se tornou um ponto de referência para encontros. No início do século XX, o espaço era habitado por pescadores que dependiam do mar para a sua subsistência e apresentava algumas casas de veraneio.

Figura 2 - A vida, morte e eternidade do Gogó da Ema.
Foto 1: Autor desconhecido. Coqueiro "Gogó da Ema". Entre 1915 e 1955.
Foto 2: Autor desconhecido. O coqueiro morto, década de 50.
Foto 3: Autor desconhecido. Gogó da Ema II. Pintura de Mestre Zumba.
Foto 4: Autor desconhecido. Escultura em homenagem ao coqueiro, localizada na orla da Ponta Verde. Anos 2000. O coqueiro tem esse nome por sua semelhança com o pescoço de uma ema.



A mudança da paisagem segue o desenvolvimento do bairro da Pajuçara, que cresceu por ser uma área com mar calmo, possuir piscinas naturais e um local ideal para o turismo. O comércio foi atraído pela expansão da rede hoteleira e a construção de edifícios. É possível ver que os coqueiros não são os mesmos, mas para preservar Os Sete Coqueiros e o seu nome, houve revitalizações da orla e implantações de novos coqueiros que representam os originais, havendo uma tentativa de valorização do ponto através da construção de uma praça, já que não são iguais e não se distinguem das outras árvores.

Hoje, o canteiro que fica anexado ao calçadão foi adaptado para vários tipos de uso, se adequando à demanda dos usuários. O local concilia diversos setores do comércio, como bancos, restaurantes, artesanato, locação de bicicleta, lava-jatos e ambulantes. Tornou-se funcional para o banhista, pois este pode realizar diversas atividades durante o período que desfruta da praia.

"Girei pela cidade. Olhei para tudo e nada vi, nada que prendesse a atenção. Nada sobressai o resto, é tudo apagado, tudo segundo plano, tudo suburbano. Felizmente tomei um bonde que me levou para fora - "Ponta da Terra", chamam o lugar. Gostei, gostei muito mesmo. Deu-me a perfeita impressão dessas cenas de naufrágio, de ilha deserta, de que os filmes americanos tanto gostam. Algumas casinholas de terra batida e cobertas de sapê, redes, gente sonolenta. Muito plana, muito larga, cheia de coqueiros, desses coqueiros sinuosos, esguios, que balançam e cantam com o vento. E o mar muito calmo, sem arrebentações, sem ondas. Muito calmo e muito verde, um verde lindo, verde esmeralda, ora mais claro, ora mais escuro, com manchas azuladas de recifes à flor d'água. Perto, ancorado, um veleiro de três mastros. E longe, bem longe, as jangadas que deslizam, leves, com as velas de triângulo, muito brancas, cheias de vento. Velas que brilham, velas de porcelana. E uma viração suave, um céu azul e um sol resplandecente. Paisagem de ilha abandonada, apesar dos pescadores e das velas, calma, sonolenta. Paisagem de aquarela." (COSTA, 1926)

Mesmo sem ter registros fotográficos da época em que Lúcio Costa esteve na Pajuçara, é possível assimilar as características relatadas por ele. A natureza presente no perímetro entre Os Sete Coqueiros e o antigo Gogó da Ema é favorecida em relação ao resto da orla. As jangadas observadas por ele não desempenham o mesmo papel. Elas foram adaptadas aos passeios turísticos e se tornaram um meio de comunicação, um elemento publicitário que continua sendo uma referência para a cidade. A silhueta da orla atual é diferenciada da observada por Lúcio. A verticalização dos edifícios em torno da faixa litorânea demonstra como houve uma procura nessa área, evidenciando seu caráter atrativo.



Figura 3 - Os Sete Coqueiros: a lembrança visual e a tentativa de manter viva a memória. Fotos 1 e 2: Autores desconhecidos. Sete Coqueiros. Primeira metade do XX. Foto 3: Autor desconhecido. Sete Coqueiros. Década de 80. - Foto 4: Sete Coqueiros. LYRA, 2013. Fotografada numa manhã de sábado.

Os eventos cotidianos, que às vezes parecem não ter importância, quando vistos sob uma ótica sensível, podem revelar vínculos pré-existentes entre a matéria, a memória e o espaço. Esses vínculos são os fatores que provocam a valorização do bem edificado, da cultura e das tradições e da paisagem. Conforme as análises realizadas, pode-se entender que os elementos como os coqueiros, danças, comidas, costumes e jangadas podem ser reconhecidos como patrimônio, entendendo-se essa expressão como aquilo que persiste ao longo do tempo, seja de forma física ou nominal.

Figura 4 - apropriação dos nomes é uma característica forte no Bairro, ela se apresenta de várias formas, ora como nome de estabelecimentos e mobiliários, ora tendo sua forma como fonte de inspiração para criar objetos. Fotos de 1 a 8: LYRA, 2013. - Fotos 9 e 10: Autores desconhecidos.



BIBLIOGRAFIA:

PORTA, Paula. Política de Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil 2000 | 2010. IPHAN, Ministério da Cultura. 2012.

Apesar de acontecerem alterações e adaptações no espaço, a essência desses elementos pode permanecer. As referências são fortemente empregadas em diversos aspectos: desde o nome de estabelecimentos comerciais, até a reprodução figurativa em mobiliários urbanos. Foi possível, portanto, perceber que Maceió possui uma “relação singular entre as condições do meio e a paisagem natural”, conceituação que, segundo o IPHAN (Porta, 2000 | 2010), caracteriza a paisagem cultural. Nela, “os bens materiais, os bens imateriais e a natureza são indissociáveis”.

Imortalizada na passagem de Lúcio Costa, a “Paisagem de aquarela” parece se sobressair. Há um magnetismo quase inexplicável entre as pessoas e a faixa litorânea. A visão da orla é algo realmente atrativo em Maceió. Mesmo com o passar dos anos, sua imagem continua viva na recordação dos visitantes e moradores da cidade, como uma bela pintura feita pelo artista mais perfeccionista, capaz de misturar tons de azul, verde e amarelo em mais bela composição.

Marcela Calheiros de Melo
marcelacalheiros@hotmail.com

Mirelly Dantas Mendes
mirellydm@gmail.com

Camila Maria Santos Bernardino
camilabernardino16@gmail.com

Laíres de Araújo Lima
laíres_araujo@hotmail.com

Maria Juliana Mendonça Lyra
mjmlyra@hotmail.com

Allana Santos Novais
 Discente da Faculdade de Arquitetura e
 Urbanismo-UFAL, Campus A.C. Simões.
 Integrante da Empresa Júnior de Engenharia Civil
 e Arquitetura da UFAL.

Analice de Souza Maia Alves
 Discente da Faculdade de Arquitetura e
 Urbanismo-UFAL, Campus A.C. Simões.
 Integrante do Grupo de Estudos do Ambiente
 Sonoro da UFAL.

Igor Sousa Peixoto
 Discente da Faculdade de Arquitetura e
 Urbanismo-UFAL, Campus A.C. Simões.

Manuela Miranda Vasconcelos Viana
 Discente da Faculdade de Arquitetura e
 Urbanismo-UFAL, Campus A.C. Simões.

Integrante do Grupo de Estudos do Ambiente
 Sonoro da UFAL.

Tuanne Monteiro de Carvalho
 Discente da Faculdade de Arquitetura e
 Urbanismo-UFAL, Campus A.C. Simões.
 Integrante do Programa de Educação Tutorial da
 UFAL.

EM BUSCA DE UMA RODOVIÁRIA

No final dos anos 1970, a porta de entrada para cidade de Maceió era uma rodoviária localizada no bairro do poço, onde atualmente funciona o colégio Cenecista Jorge Assunção. O intenso crescimento demográfico, na época, fez surgir a necessidade de um terminal com maior capacidade, e conseqüentemente, da transferência para um local mais central e que não fosse incomodado pelo tráfego urbano.

A escolha do terreno foi concentrada nas duas opções mais convenientes, uma era na beira da lagoa, para conectar com a ferrovia e com as redes fluviais, e a outra era no bairro do Feitosa, próximo a Avenida Governador Afrânio Lages (Leste-Oeste). A segunda alternativa mostrou-se vantajosa em diversos aspectos, principalmente relacionados à localização centralizada, que permitia uma distribuição eficiente para todas as partes da cidade; a Avenida Governador Lamemha Filho liga o bairro do Feitosa a Via expressa, além da Leste-Oeste conectar o Litoral ao Centro e ao Farol.

Descobertas e discussões

O escritório nomeado para concepção do projeto foi o Traço Planejamento e Arquiteto Mário Aloísio Barreto Melo, que convidou os antigos colegas e professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, Leonardo Salazar Bitencourt e Eduardo Assumpção, para trabalharem juntos no empreendimento. O ponto de partida para concepção do projeto foi a realização de viagens para conhecer alguns Terminais Rodoviários no Brasil. Os arquitetos observaram em rodoviárias como as de Aracaju, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília, Recife e Vitória, aspectos bons e ruins, que serviriam como inspiração ou seriam descartados, eles perceberam que havia uma tendência a adoção de condições pesadas e escuras, além de longos corredores, que incomodavam os usuários e faziam da rodoviária um lugar de passagem, de curta permanência. Assim, resolveram fazer uma obra de fácil leitura espacial, com fluxos espontâneos, que fosse expressão das características do clima e do lugar, algo como uma grande praça aberta, que tornasse estreita a relação do indivíduo com a arquitetura e da arquitetura com o lugar.



Figura 1: Maquete de estudo volumétrico do Terminal Rodoviário. Fonte: Leonardo Bittencourt, arquivo pessoal, 1979.

"Na verdade, a obra mais importante que eu acho foi a Rodoviária [Terminal Rodoviário João Paulo II, no Feitosa, construído em 1978], porque na época eu tinha só quatro anos de formado e tive a sorte de realizá-la no início da profissão."

(MELO, Mário Aloísio. 2005)



Figura 2: Fotografia da área de espera do embarque do Terminal Rodoviário, ao fundo rampa que dá acesso ao pavimento superior do edifício.
Fonte: Manuela Miranda, 2013.

A disposição da planta foi desenvolvida baseada em princípios de rigorosa funcionalidade. A distribuição dos setores favoreceu a circulação das pessoas com a intenção de proporcionar ampla visibilidade das dependências. Os setores de uso e serviços públicos, como também o de operações, foram localizados no pavimento térreo, com o objetivo de não interferir nos percursos de embarque e desembarque, já os setores administrativos e comerciais foram situados no pavimento superior, para que dessa forma, o terminal rodoviário não se confundisse com um centro de comércio e perdesse seu caráter funcional. No entanto, com o passar do tempo, os comerciantes sentiram-se prejudicados, pois a obrigação de subir um andar para efetuar uma compra não era rentável. Então, o posicionamento dos setores foi invertido.

Outro aspecto funcional importante foi a preocupação em deixar as plataformas de embarque e desembarque nitidamente separadas, permitindo a clara legibilidade espacial dos dois diferentes fluidos. A localização dos banheiros também foi pensada com o intuito de facilitar o uso da rodoviária, próximos ao desembarque e no centro. Porém, os dutos de iluminação e exaustão foram mal dimensionados, e não permitem contra vazão, gerando mau cheiro.

A visita a outras rodoviárias também fez os arquitetos concluírem que o concreto, material predominante na maioria desses terminais, não seria satisfatório na expressão limpa e solta a ser alcançada no ideal de praça coberta. Dessa forma, a estrutura metálica, em treliça espacial, utilizada na rodoviária de Vitória serviu como referência para o projeto do Terminal Rodoviário de Maceió. Houve muita resistência por parte dos contratantes, pois havia uma forte associação entre estrutura em metal e fábricas, entretanto, o baixo custo desse material junto com o argumento dos arquitetos de que a obra ganharia uma aparência mais vistosa e proporcional, foram fatores determinantes para a aprovação desse arranjo estrutural.

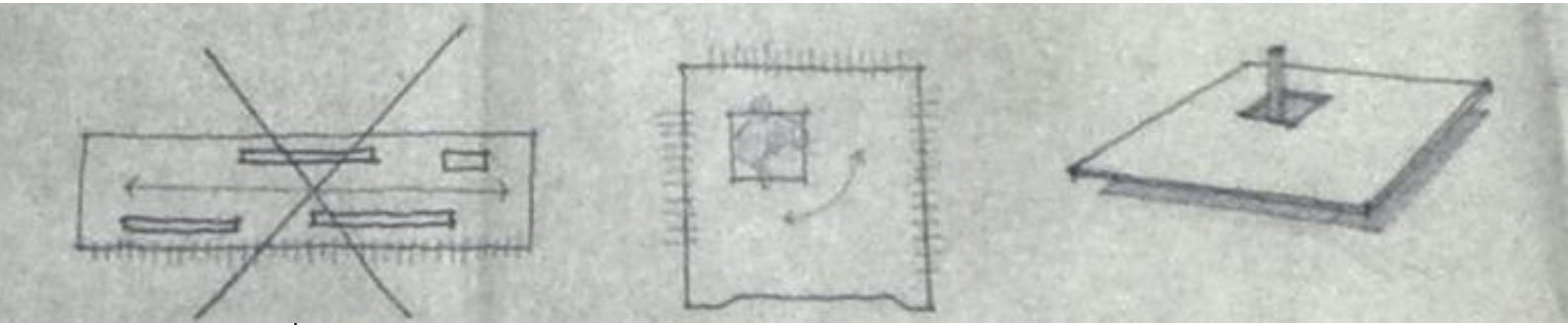


Figura 3: Croquis do Memorial do Projeto do Terminal Rodoviário João Paulo II.
Fonte: Leonardo Bittencourt, arquivo pessoal, 1979.

A solução encontrada para afirmação do partido foi abandonar a geometria longitudinal, que provocariam grandes extensões, e buscar uma forma proporcional, permitindo distribuições mais justas dos espaços. A intenção de criar uma obra de leitura simples e limpa determinou a utilização dos quatro lados do quadrado de forma bem definida. Em um dos quadrantes foi concebido um jardim interno, que além de contribuir com a iluminação interna, serviu de absorvente acústico.

"[...] A gente começou a dobrar, fez um semicírculo, depois fechou um pouco mais para fazer como uma fechadura e depois resolvemos dobrar os dois lados que resultou num quadrado, tinha 4 lados. Coincidentemente o Manual de Rodoviários do Ministério dos Transportes, ele preconizava que as plataformas de embarque deveriam ser duas vezes o tamanho das de desembarque. Então um quadrado a gente tinha duas abas iguais e um que era metade dessa aba que seria a plataforma de desembarque, e o outro seria parte de chegada dos taxis, então casou muito bem esse encaixe."

(BITTENCOURT, Leonardo Salazar. 2013)

O artifícios projetuais utilizados pelos arquitetos, no que diz respeito a estrutura, função e conforto, permitiram a criação de uma identidade singular. As soluções adotadas já eram conhecidas, entretanto, pouco utilizadas no contexto rodoviário, juntas mostraram-se eficientes para o objetivo dos projetistas em fazer do terminal uma grande praça coberta.

Os arquitetos tiveram uma nítida preocupação com o clima quente e úmido da região, e exploraram bastante as estratégias que tornariam o lugar mais agradável, no que diz respeito ao conforto térmico. A ventilação é bem aproveitada, a criação do jardim interno foi de extrema conveniência, além dos beirais de 12,5m produzindo sombras durante todas as horas do dia.

O relevo do terreno foi marcante para algumas definições, a declividade influenciou o posicionamento dos veículos para embarque na parte mais baixa do terreno, de forma que do piso térreo é possível visualizar com facilidade os carros disponíveis na plataforma. Isso faz com que não haja nenhuma barreira, para interferir na passagem do vento, que é intenso naquela região pelo fato do terreno situar-se à margem de um tabuleiro.

O Encontro

Em um ponto central da cidade, entre as principais rotas do tráfego urbano, ergue-se o elemento arquitetônico que, diariamente, ingressa centenas de pessoas na paisagem de Maceió. À primeira vista, uma grande praça as margens do tabuleiro.

Leu-se, nas palavras dos arquitetos, que o esforço maior do projeto foi tentar transportar para obra uma expressão do caráter e do clima do lugar, as quais, puderam ser facilmente identificadas através das impressões adquiridas em contato com o espaço. A estrutura ampla de cor vermelha, contrasta com a paisagem escancarada do entorno do terreno, a qual permite a permeabilidade dos ventos, sem se desapegar da sombra agradável e da luz filtrada. Seu ambiente fluido dispensa grandes arroteios, faz com que seus novos abrigados encontrem rapidamente o seu destino.

Alguns olhares mais atentos, mesmo que apressados, já que no seu sentido mais primitivo um terminal rodoviário configura-se como lugar de passagem, conseguiram reconhecer que as soluções encontradas pelos projetistas para o Terminal Rodoviário João Paulo II, agregam a obra características marcantes e inusitadas, quando reporta-se a sua estética e funcionalidade. Um edifício que, apesar da depreciação de seus serviços, abre acolhedoramente as portas da cidade.



Figura 4: Croqui de situação do Terminal Rodoviário na cidade de Maceió, ponto central entre as principais vias de circulação.
Fonte: Igor Peixoto, arquivo pessoal 2013.

BIBLIOGRAFIA

BRUNET, E.S. O Transporte Público Rodoviária das Ligações Turísticas Interurbanas: Um estudo sobre modelos de produção do previsão de demanda e pré-viabilidade de empreendimentos e serviços de transportes em âmbito interestadual. UNB. Disponível em <<http://bdm.bce.unb.br>>

LEMOS, A. M. B. PORTAIS URBANOS – Rodoviários. PROPAP, Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br>> Acesso em: 23 de fevereiro de 2013.

História – Terminal Rodoviário de Maceió. Disponível em: <<http://portallbus.blogspot.com.br/2012/08/terminal-rodoviario-de-maceio>> Acesso em: 01 de março de 2013

Agradecimentos:
Prof. Dr. Leonardo Salazar Bittencourt pela gentil entrevista, norte de nossas descobertas.

Allana Santos Novais
allana_novais18@hotmail.com

Analice de Souza Maia Alves
analicesma@gmail.com

Igor Sousa Peixoto
igorsou@hotmail.com

Manuela Miranda V. Viana
manuelamviana@gmail.com

Tuane Monteiro de Carvalho
tuannemdc@gmail.com

